

A RELAÇÃO SOCIEDADE/NATUREZA E A HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO *

Nécio TURRA NETO **

Procuraremos, na nossa dissertação sobre o tema, demonstrar como as várias correntes que fizeram parte da construção histórica do pensamento geográfico, trataram ou tratam a questão da relação sociedade/natureza; relação esta, colocada por muitos como a razão de ser da Geografia.

De forma esquemática e, talvez por isso simplificada - visto que o movimento histórico de construção do pensamento geográfico não se deu por uma mera sucessão dessas correntes - podemos tomar como as principais correntes do pensamento geográfico as seguintes: determinismo ambiental; possibilismo; nova geografia; e geografia crítica.

O Determinismo Ambiental e a Subordinação do Homem à Natureza

O determinismo ambiental surge na Alemanha em fins do século XIX e tem como figura central F. Ratzel. Surgido num contexto histórico de uma Alemanha com pretensões expansionistas, esta corrente veio justificar a dominação de um povo sobre o outro, alegando a existência de uma superioridade racial adquirida naturalmente, por viver em condições naturais, especialmente climáticas, mais favoráveis. Naturalizava, assim, o que era político e econômico: o imperialismo. (Corrêa, 1990)

A relação sociedade/natureza era vista como uma relação de causa e efeito, na qual a sociedade era subordinada ao meio natural e poderia ser explicada como causa dele.

O Possibilismo e a Noção de Homem-Habitante

Nesta corrente, o homem/sociedade é encarado como um agente modelador da paisagem e a natureza como o palco das possibilidades de construção da paisagem humana.

Segundo Corrêa (1990), o possibilismo é uma reação francesa ao determinismo germânico, visto que França e Alemanha viviam em conflito na época. Foi chamado a desempenhar múltiplos papéis, dentre eles: abalar as bases teóricas do expansionismo alemão, voltado, sobretudo, sobre a própria Europa, sem, contudo, inviabilizar o imperialismo francês.

Por meio de uma abordagem estritamente na escala regional, buscava-se a interação entre natureza e sociedade na construção de uma paisagem, que poderia ser delimitada pela simples observação.

* Texto elaborado na prova de seleção Mestrado em geografia/UNESP/Presidente Prudente-SP

** Mestrando no Curso de Pós-Graduação em Geografia - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060-900 - Presidente Prudente - SP - Brasil.

Estudando os lugares, e os homens como seus habitantes, teceu uma forma de ver a relação homem/natureza numa perspectiva harmoniosa, na qual ambos desfrutavam, na região, condições de desempenharem seus papéis na construção da "personalidade regional". Esta possui, de natureza, o clima, o relevo, a vegetação, a hidrologia... e, de humano, objetos construídos por um homem habitante desse lugar, com as possibilidades que a natureza daí lhe oferecia, formando, assim, nessa relação, um "gênero de vida" particular e único.

De acordo com Corrêa (1990), a corrente possibilista limitava-se ao estudo de áreas rurais, observando antigas estruturas construídas. Isto porque primava pela noção de equilíbrio, pelo pressuposto de que região era algo dado e acabado. Por isso, desconsiderou o processo de urbanização e industrialização que tomava conta da Europa em fins do século XIX, que introduzia na paisagem elementos novos e desestruturadores do equilíbrio, da relação "harmoniosa" da sociedade com a natureza.

Pós-Guerra e a Nova Geografia

No pós segunda guerra, muda-se muito o mundo como até então se conhecia.

O capitalismo, mais agressivo, com as multinacionais sedentas de novos mercados a ganhar, apresentava necessidades novas de um saber competente que pudesse informar sobre os locais com melhores possibilidades de lucro.

Para a expansão do capitalismo não há mais que conquistar territórios, mas sim criar necessidades de consumo e mercado consumidor nos lugares, estes cada vez mais abertos a uma economia cada vez mais mundializada.

Também há neste período a "Guerra Fria", complexificando ainda mais o entrelaçamento geopolítico mundial.

É neste contexto que emerge a Nova Geografia que, dentro do neopositivismo, critica toda a Geografia anterior e estabelece novas formas de fazer Geografia, baseadas, principalmente, na busca de modelos espaciais estatisticamente delimitados. É a quantificação do espaço, uma poderosa fonte de informação sobre locais com possibilidades econômicas.

Nesta corrente, a questão da relação sociedade/natureza quase não aparece. Aqui já não se faz mais aquela "Geografia Unitária" que se buscava fazer nas correntes anteriores. O corte entre Geografia Humana e Geografia Física estava há muito consolidado.

Desenvolve-se neste período, também, muitas tecnologias que permitem um conhecimento mais funcional e sistemático da natureza. Novos métodos e técnicas em cartografia, satélites etc., permitem ao geógrafo obter e processar informações sofisticadas sobre recursos a explorar.

É a exploração da natureza tornou-se realmente intensa nesse período... Contudo, os problemas ambientais não tardaram a aparecer, estes, aliados aos problemas sociais, colocaram em cena novas questões que esta Geografia quantitativa não estava preparada para responder.

Crise Global, Crise da Geografia e Geografia Crítica

A partir da década de 60, o capitalismo começa a demonstrar suas facetas perversas. No que se refere à degradação do meio ambiente, eclodem verdadeiras catástrofes ambientais (morte de rios; poluição atmosférica insustentável nos grandes centros urbano-industriais, redução da cobertura florestal de algumas regiões à fragmentos que impossibilitam a reprodução autônoma dos ecossistemas etc.).

Quanto à "degradação social", essa era expressa pelo aumento do fosso que separa países ricos e pobres e, nestes últimos, pelo aumento crescente da miséria e redução da qualidade de vida nas periferias das grandes cidades. Estas passaram a sofrer um aumento significativo de sua população pela entrada em massa de uma população rural, praticamente arrancada da terra pela modernização agrícola. Estes países pobres conheceram uma urbanização violenta e espoliativa, que submeteu sua classe trabalhadora a duras condições de vida nos grandes centros urbanos, comandados pela lógica da especulação imobiliária.

Vivia-se numa época de crise e de aumento das contradições sociais, pois, à medida que crescia a exclusão social, cresciam também as necessidades de consumo por meio de uma gama crescente de novos produtos - tornados necessários pela mídia - que entraram no mercado.

Segundo Lacoste (1981), as manifestações da crise do mundo apareceram primeiramente no *mass media* que, cada vez mais instantaneamente, demonstravam as tragédias naturais, a fome na África, os conflitos bélicos, os movimentos contestatórios, os acordos diplomáticos etc., constituindo o que ele denominou de "Geografia do *Mass Media*".

A essa Geografia se contrapunha uma outra, elaborada e reproduzida pelos professores, baseada no princípio do "saber pelo saber" e que escamoteava o uso que era feito pelos Estados e pelos grandes conglomerados internacionais, do conhecimento geográfico. Essa "Geografia dos Professores" viu-se impotente diante de um novo mundo, muito mais complexo e de difícil quantificação. A crise da Geografia nasceu da crise do mundo - veiculada pelo *mass media*.

A ruptura que se assiste nesse momento é liderada por geógrafos que, por sua formação no materialismo histórico e na dialética marxista, criticam a Geografia Tradicional e seu comprometimento com o Estado e com o poder econômico. Esses geógrafos buscam um compromisso social e querem mudança nas estruturas sociais, econômicas e políticas.

A relação sociedade/natureza tem, nesta corrente, uma nova abordagem; na qual a relação é entendida como mediada pelo trabalho econômica e socialmente organizado dentro do modo de produção capitalista.

Figuras, como Milton Santos (1996), destacam o papel que desempenham hoje, na relação da sociedade com seu meio, o meio ambiente construído (segunda natureza) e não mais aquela natureza primitiva e dócil. Coloca que a história da humanidade é a história da ruptura progressiva entre sociedade e a natureza. Os objetos com os quais nos relacionamos hoje, em nosso meio, são cada vez mais artificiais e dotados de uma racionalidade que nos é estranha. Isso faz com que nossas ações sejam também cada vez mais racionais e menos espontâneas.

Se antes o homem buscava na natureza aquilo que pudesse satisfazer suas necessidades (valores de uso), atualmente, firmas especializadas buscam na natureza valores

de troca, que são processados e colocados em circulação como produtos; são tornados necessários e cada vez mais consumidos. Isso aumenta a pressão sobre os recursos naturais.

Diante de um meio ambiente cada vez mais construído, cada vez mais artificial, devemos nos perguntar:

Se, de acordo com Martins (1996), o homem vai se humanizando na sua relação com a natureza, que humanidade se constrói hoje, a partir da relação do homem com uma segunda natureza, ou seja, com sua própria construção histórica?

Referências Bibliográficas

- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 3. ed. São Paulo: Atica, 1990. 93p (Série Principios).
- LACOSTE, Yves. A geografia. In: CHATELET, François (Org.). **A filosofia das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. v.7, p. 221-74.
- MARTINS, José de Souza. As temporalidades da história na dialética de Lefebvre. In: **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: HUCITEC, 1996. p. 13 - 24.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**. globalização e meio tecno-científico-informacional. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1996. 190p.